13ª REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd
EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

1624 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 24 - Educação e Arte

UMA PRÁTICA DE PESQUISA EXPANDIDA: CINEMA, ESCOLA, MEMÓRIA E DOCÊNCIA-ARTÍSTICA

Andrea Casadonte - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
Marta Cardoso Guedes - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Este trabalho é o recorte de uma pesquisa de Mestrado em Educação, que propõe investigar os saberes pedagógicos e cinematográficos mobilizados pelos professores que operam com cinema na escola, sob uma perspectiva de alteridade. A pesquisa encontra-se em desenvolvimento em uma escola municipal, localizada em uma Favela do Rio de Janeiro. A escola possui um projeto de cinema, em parceria com um programa de extensão universitária, que se baseia no aporte teórico da *Hipótese-Cinema* de Bergala (2008) que extrai sua força e novidade na descoberta do gesto de criação cinematográfica compartilhada entre professores e alunos, e se configura também como uma pesquisa de Doutorado da professora responsável pelo projeto na escola. As ações do projeto estão voltadas para a compreensão de como as imagens produzidas em filmes Super-8 por uma cineasta amadora, na década de 1970, somada às imagens produzidas pelos alunos nos dias de hoje podem constituir uma memória coletiva nas imagens em movimento. Este trabalho se volta para a dimensão poética manifestada no ato de educar e para o exercício do direito a memória pelos estudantes da escola, em uma abordagem artística que se propõe superar o modelo transmissivo-conteudista.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema, Docência-Artística, Escola, Emancipação, Memória.

UMA PRÁTICA DE PESQUISA EXPANDIDA:

CINEMA, ESCOLA, MEMÓRIA E DOCÊNCIA-ARTÍSTICA

RESUMO

Este trabalho é o recorte de uma pesquisa de Mestrado em Educação, que propõe investigar os saberes pedagógicos e cinematográficos mobilizados pelos professores que operam com cinema na escola, sob uma perspectiva de alteridade. A pesquisa encontra-se em desenvolvimento em uma escola municipal, localizada em uma Favela do Rio de Janeiro. A escola possui um projeto de cinema, em parceria com um programa de extensão universitária, que se baseia no aporte teórico da *Hipótese-Cinema* de Bergala (2008) que extrai sua força e novidade na descoberta do gesto de criação cinematográfica compartilhada entre professores e alunos, e se configura também como uma pesquisa de Doutorado da professora responsável pelo projeto na escola. As ações do projeto estão voltadas para a compreensão de como as imagens produzidas em filmes Super-8 por uma cineasta amadora, na década de 1970, somada às imagens produzidas pelos alunos nos dias de hoje podem constituir uma memória coletiva nas imagens em movimento. Este trabalho se volta para a dimensão poética manifestada no ato de educar e para o exercício do direito a memória pelos estudantes da escola, em uma abordagem artística que se propõe superar o modelo transmissivo-conteudista.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema, Docência-Artística, Escola, Emancipação, Memória.

INTRODUÇÃO

O debate e a pesquisa sobre a relação entre cinema e escola não se manifestam como algo inédito, já que

ambos se relacionam há algum tempo. No entanto, a partir de junho de 2014 tal relação se delineia, por meio da lei 13.006/14, como componente curricular complementar, passando a ser obrigatória a exibição de duas horas mensais de filmes nacionais nas escolas.

Anteriormente a publicação da lei, a entrada do cinema na escola já era pensada por projetos e estudiosos do campo interessados em investigar e viabilizar práticas e pesquisas sobre a temática. O presente estudo desenvolve sua empiria em uma Unidade de Ensino de Educação Básica, localizada em uma favela no Rio de Janeiro. A escolha se deu devido ao desenvolvimento de um projeto de cinema, em parceria com um programa de extensão universitária, que foi responsável pela aquisição de equipamentos para o projeto, como também pela formação dos professores envolvidos neste. A formação baseia-se prioritariamente no aporte teórico da *Hipótese-Cinema* de Alain Bergala (2008) que extrai sua força na proposta de descoberta do gesto de criação cinematográfica compartilhada entre professores e alunos. Partindo do pressuposto que a presença da arte na escola manifesta o encontro com a alteridade, Bergala pensa a arte como um fermento de anarquia, de escândalo e desordem. Nesse sentido, “A arte deve permanecer na escola uma experiência ‘a parte’, cuja alteridade radical os alunos devem experimentar” (p.31).

A partir desta perspectiva, as atividades de cinema da escola em estudo iniciaram em 2012 com duas turmas do 6° ano do Ensino Fundamental. As aulas ocorriam uma vez por semana e primavam pela exibição de filmes e desenvolvimento de exercícios que priorizassem o contato dos alunos com o cinema, com a câmera e com a manifestação dos gestos sensíveis de um novo olhar para o mundo e, principalmente para a sua comunidade, por meio do “olho mecânico”. Como resultado destas atividades, foi produzido um vídeo sobre a Favela em que a escola se encontra inserida. A produção audiovisual foi selecionada e exibida em um festival audiovisual de vídeos estudantis em 2012 e contou com a presença dos alunos.

O projeto de cinema continuou em desenvolvimento em 2013 e 2014, porém foi no ano de 2015 que o projeto toma novo vigor e as atividades de cinema resultam em um documentário que busca a memória da favela e da escola. A principal motivação era *estar com* a emoção e o interesse de todos os alunos em seu processo ensino-aprendizagem, por meio do conhecimento das raízes históricas da comunidade e da escola, em intercâmbio com experiências do fazer artístico como o teatro, a dança, a música e o cinema. Assim, o documentário realizado pelos alunos do projeto registra os bastidores de uma busca, da escola à comunidade, sendo um encontro entre moradores, alunos e professores.

Com o sucesso do documentário experimental nessa parceria entre escola, cinema e memória, a partir de 2016 o projeto de cinema foi definitivamente incluído no Projeto Político Pedagógico da escola. Desde então, o projeto acontece com crianças de três turmas diferentes com poucas interrupções, uma vez que sempre haverá crianças novas ingressando, mescladas aquelas que já estavam no projeto nos anos anteriores e estão saindo da escola, pois ao terminar o 5º ano as crianças e jovens são encaminhados para outra unidade escolar.

A partir da experiência observada, a presente pesquisa propõe um estudo que veja a docência pelas “lentes” da arte e da diferença. Uma docência-artística (CORAZZA, 2006) que abarque o professor tomado de acontecimentos e desejos, ou seja, o professor que extrapola as amarras tradicionais das formas de pensamento e de docência, tornando-se o professor do devir, o professor-artista-cineasta.

DOCÊNCIA ARTÍSTICA E CINEMA NA ESCOLA

Pensar a entrada do cinema na escola e como se dá esta relação, apresenta algumas possibilidades de expansão de abordagens e dispositivos de ordem diversas. Diante disto, cabe refletir a respeito da expansão que o cinema expressa de forma muito potente, ou seja, formas de ver e inventar o mundo (MIGLIORIN, 2014).

Nesta direção, pensar o cinema na escola é sobretudo pensar “o modo de fazer relações entre imagem, sujeitos, discursos, objetos e narrativas que transfiguram, por assim dizer, outros espaços e relações; no caso, a escola. (...) O modo de ser-mundo do cinema provoca, intensifica e potencializa o que a educação inventa.” (MIGLIORIN, 2014, p. 156)

Delineando a reflexão sobre a capacidade que o cinema apresenta como potência promotora de experiências estéticas e de manifestações de subjetividades (FRESQUET & MIGLIORIN, 2015) é relevante refletir o lugar da docência nessa relação, onde a possibilidade de encontros de inteligências igualmente potentes entre alunos e professores pode favorecer uma dimensão ético-política do cinema e a manifestação da igualdade de inteligências (RANCIÈRE, 2002).

O princípio da igualdade de inteligências é apresentado pelo filósofo Jacques Rancière (2002), no livro*O Mestre ignorante,* onde o autor traz à tona o percurso do professor Joseph Jacotot, que por meio da crença de que sua inteligência é igual a de seus alunos, sem pressupor uma superioridade da inteligência do que sabe (mestre) sobre a inteligência daquele que ignora (aluno), desenvolve postulados para uma educação emancipadora. Para Rancière (2002) o *mestre ignorante* não é aquele que nada sabe, mas aquele que relativiza seu saber de forma dissociada do ensino que pratica. O mestre ignorante suscita que seus alunos se aventurem no processo de descoberta emancipatória de seu saber, forçando-lhes a usar sua própria inteligência.

O que embrutece o povo não é a falta de instrução, mas a crença na inferioridade de sua inteligência. E o que embrutece os “inferiores”, embrutece ao mesmo tempo, os “superiores”. Pois só verifica sua inteligência aquele que fala a um semelhante, capaz de verificar a igualdade das duas inteligências. (RANCIÈRE, 2002, p.50)

Corazza (2006) opera com o termo “artistagem”, desconstruindo o princípio de identidade profissional. A autora utiliza o termo para se referir a formas estéticas, éticas e políticas a se inventar, isto é, trata-se de fazer arte sem ser artista em

busca do não-sabido, do não-olhado, não-pensado, não-visto, não sentido. Assim, uma nova prática docente pode ser pensada de forma que a manifestação de saberes sem distinção possa ser privilegiada, por meio de uma docência artística que abarque os processos de criação mobilizados no ato de educar.

Neste movimento, Corazza (2006) pensa docência como um processo de criação, observando a especificidade e a caracterização do ato docente. A autora propõe pensar e viver a educação do mesmo modo que o artista vive e pensa sua arte, pois acredita que em seu fazer os professores movimentam seus processos de pesquisa, criação e inovação por meio de elementos científicos, filosóficos e artísticos. Operar por artistagens na docência é algo que difere do "pensamento dogmático da pedagogia" (p.15), propiciando a manifestação imanente de uma Didática-Artista.

Assim sendo, parece tornar-se pertinente a manifestação de uma docência-artística com o fazer docente, incluindo o processo de criação relacionado não só ao ato docente, mas principalmente ao docente que opera com cinema na escola, já que ao pensar o cinema como uma hipótese de alteridade (BERGALA, 2008), cabe também considerar a mobilização dos saberes docentes e a manifestação poética expressa no ato de educar, com vistas à constituição de processos de subjetivação produtoras de demandas de conhecimento e a emancipação intelectual de nossos estudantes.

CINEMA, ESCOLA, MEMÓRIA E FAVELA: O ENCONTRO

Com a experiência da realização do documentário sobre a memória da favela e da escola, percebemos a potência do cinema na escola como ficção de memória. As exibições do filme para as turmas, para a equipe escolar, para os responsáveis, moradores e para além dos muros da escola, apontaram reverberações em outras instâncias, nos colocando definitivamente na rota dos arquivos de memória e da produção cinematográfica documental.

Na devolução das imagens aos sujeitos da escola e da comunidade fomos surpreendidos com o enorme potencial de emoção e interesse que apareceram nas falas de crianças, pais, professores e moradores. Ouvimos após a sessão antigas e novas histórias da comunidade, assim como a confirmação de algumas outras e o agradecimento pela oportunidade de ouvir aquelas que desconheciam... Microhistórias que apontavam pistas, pontos de vista particulares, vivências pessoais que constroem nossa narrativa de memória própria de uma história que almeja atentar para a experiência dos indivíduos captada nas relações que eles mantêm com outros indivíduos e com o meio social (REVEL, 2010, p.438).

Vislumbramos o potencial do cinema e a necessidade em *estar com* aqueles cujas vozes precisam urgentemente emergir. Entendemos o cinema na escola como fortalecimento da autonomia pedagógica frente a inúmeros ataques impostos pelas políticas públicas educacionais, que cerceiam a criação de crianças e jovens em desenvolvimento e que furtam dos alunos a condição de igualdade característica da escola, como por exemplo, o "tempo livre". Tal característica, aliada a transformação de conhecimentos e habilidades em "bens comuns", são os agentes fundamentais para que a nova geração supere e renove o mundo, independente dos antecedentes, talentos naturais ou aptidões de cada um, pois seriam o tempo e o espaço que os estudantes têm para saírem de seu ambiente conhecido (MASSCHELEIN & SIMONS, 2014).

Vimos também à potência de alcance das imagens do cinema que transcendem espaços-tempos e atingem as crianças e jovens que entram em nossa escola todos os anos, e ao assistirem o filme não só se reconhecem nele, como são tocadas pelo desejo de *estar com* o projeto de cinema. A potência de alcance das imagens em movimento nos trouxe também o reencontro de antigos militantes que na década de 1970 lutavam contra a remoção da favela.

Após a apresentação do projeto de cinema na escola em um evento realizado na Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, um acontecimento surpreendente faria com que os rumos do projeto de cinema, que já pesquisava a memória da favela, alçassem rumos inimagináveis até então. Na plateia do evento encontrava-se uma educadora atuante na área de cinema e educação desde 1978 e que nos incentivou a procurar por filmes e slides sobre a tentativa de remoção da favela na década de 1970. Filmes, que segundo ela, se encontrariam na Associação dos Moradores da Favela. O fato é que já havíamos buscado por essa memória fílmica, mas nos havia sido informado, que infelizmente, o tráfico ao tomar conta da favela, havia incendiado a memória documental que existia na sede da associação de moradores. A educadora nos encoraja a procurar alguns antigos militantes e nos relata ter sido ela, a cineasta amadora, que do basculante de um banheiro na favela, havia filmado em Super-8 essa tentativa de remoção da favela. No entanto, a revelação mais surpreendente é que ela nos diz ter guardadas numa caixa de isopor estas imagens que fez nos idos dos anos 70, e que desde então não as reviu, não sabendo, portanto, o estado em que se encontram.

Neste movimento, o projeto de cinema se coloca rapidamente na busca desses antigos militantes e nos deparamos, no final de 2016, com um dos principais nomes da resistência na comunidade, que havia sido presidente da Associação de Moradores em 1970. Ele estava fazendo um frete para a nossa escola, a pedido de uma professora. Essa incrível coincidência proporcionou-nos um desvio fabuloso nos rumos do projeto de cinema nos colocando definitivamente na rota dos arquivos de memória, pois nos encontrávamos diante de indivíduos que se lembravam de momentos que estiveram juntos enquanto membros de um grupo que lutava por uma causa comum (HALBWACHS, 1990).

Desta forma, pensamos que um encontro na escola que narrasse experiências individuais e coletivas de luta desses indivíduos poderia proporcionar aos alunos do projeto de cinema e para toda a comunidade escolar, o conhecimento de uma história de lutas e conquistas. "Defender as histórias e fazer que sejam apreendidas pela história é se obrigar a mostrar como o indivíduo constitui seu próprio agenciamento com aquilo que historicamente e socialmente é

colocado a sua disposição" (FARGE, 2017, p. 90-91).

O encontro ocorreu na escola em agosto de 2017. As crianças e jovens do projeto participaram da elaboração do evento e variadas atividades foram planejadas para recebê-los. Além da educadora e do ex-presidente da associação de moradores, estiveram presentes outros antigos militantes. Na ocasião, a educadora anuncia para todos que é possuidora das imagens em Super-8 que fez na época da tentativa de remoção da favela, e que em outra oportunidade poderíamos nos reencontrar para abrirmos sua caixa de isopor recheada de imagens de memórias de luta e de resistência! Ficamos todos muito emocionados e esperançosos de que essas imagens de arquivo se encontrem em condições de uso, pois muitas dessas imagens podem estar danificadas pela ação do tempo devido às condições de armazenamento.

Foi assim que, como pequenos "cineastas amadores", desta feita com imagens digitais, os alunos filmaram e fotografam o evento realizado em nossa escola, além de terem entrevistado nossos convidados, tendo em mente a importância dos arquivos de memória e a possibilidade futura de montarmos um novo documentário experimental.

Atualmente, o projeto de cinema da escola almeja realizar mais uma montagem documental cinematográfica centrada nos resíduos da história da Favela, em "sinais e indícios que permitam decifrá-la" (GINZBURG, 2009, p. 177). Uma montagem que possibilite a construção de novas narrativas de memória que sirvam de recurso para ação na vida de toda a comunidade escolar, não só na vida dos estudantes do projeto de cinema. Ansiamos pela construção dessa memória coletiva com nossos alunos, a partir de pistas e resíduos da história de lutas da comunidade visando à compreensão, a partir da interpretação de uma série de indícios, de quais memórias a nossa montagem pode dar a ver e produzir no ambiente escolar.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir da produção do documentário experimental e das primeiras análises sobre sua repercussão outros voos mais surpreendentes para o projeto de cinema da escola se tornaram realidade a partir de 2018, principalmente com o ingresso da professora responsável pelo projeto, em um Programa de Pós-Graduação em Educação, com o objetivo de dar prosseguimento à pesquisa das relações entre cinema, escola, memória, favela e emancipação.

É desta forma que pensamos em projetos do fazer artístico cinematográfico na escola como novas abordagens didáticas. Abordagens essas que acreditamos superar o modelo transmissivo-conteudista e possibilitar o tensionamento de algumas práticas educativas e de algumas políticas educacionais de cunho neoliberal que vem sendo impostas nas redes públicas de ensino.

Nesta direção, propomos pensar uma docência a partir de processos de criação e tradução. "Tratamos, deste modo, a concepção de didática como um movimento do pensamento, uma direção tradutória dos atos curriculares - por si próprios, transcriadores de elementos artísticos, filosóficos e científicos." (CORAZZA, 2015, p. 108). Assim, operar por artistagens pode ser "traduzido" como a linha de fuga em oposição ao capitalismo do (s) pensar(es) que cria uma lógica de consenso, confluindo o(s) pensar(es) para uma única lógica.

Partindo destas reflexões, nos colocamos a pensar que o ato docente do professor-artista pode manifestar outras possibilidades de criação e mobilização de saberes pedagógicos e cinematográficos. Desta forma, uma tradução criativa pode provocar reconfigurações do objeto cinema na escola de modo que a didática criada pelo professor passa a ser nada menos do que o resultado de alguma artistagem (CORAZZA, 2006).

Assim, o professor extrapola as fronteiras de uma lógica explicadora traçando coordenadas rumo a uma lógica emancipadora (RANCIÈRE, 2002), onde não é contemplada a hierarquização de saberes, mas a busca por relações horizontais entre as inteligências de professor e aluno. A aprendizagem ocorre em duas vias: tanto para o professor, quanto para o aluno. O princípio da igualdade de inteligências coloca o docente no mesmo lugar de experimentação juntamente com o aluno, tornando a presença do cinema na escola, apoiado na memória e na imaginação; uma prática de invenção, criação e descoberta de saberes que ambos ignoram.

REFERÊNCIAS.

BERGALA, Alain. **A Hipótese-Cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola.** Rio de Janeiro: Booklink Publicações LTDA, 2008.

CORAZZA, Sandra. **Artistagens- filosofia da diferença e educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. **Didática da tradução, transcriação do currículo (uma escrileitura da diferença).** Pró-posições, v.26, n.1(76), p.105-122, jan-abr. 2015.

FARGE. Arlette. **O Sabor do Arquivo**. São Paulo: Edusp, 2017.

FRESQUET, Adriana Mabel; MIGLIORIN, Cezar. Da obrigatoriedade do Cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a Lei 13.006/14. In. _____ (org.) **Cinema e Educação: Lei 13.006- Reflexões, Perspectivas e Propostas**. Rio de Janeiro: Universo Produção, 2015.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais. Morfologia e História.** São Paulo: Cia. Das Letras. 2009. 2.ed.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. SãoPaulo: Editora Vértice. Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

MASSCHELEIN, Jan & SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública.** Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MIGLIORIN, Cezar. Deixem essas crianças em paz: o mafuá e o cinema na escola. In: BARBOSA, Maria Carmem.; SANTOS, Maria Angélica. (org). **Escritos de Alfabetização Audiovisual**. Porto Alegre; Libretos, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

REVEL, Jacques. **Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado** Em: Revista Brasileira de Educação. v. 15. n. 45. set/dez. 2010.